

O sentido de comunidade num mundo às avessas: o imaginário grotesco nas tradições académicas de Braga

Albertino Gonçalves

Nos últimos anos, a Universidade do Minho tem promovido uma actividade de investigação e editorial que aposta numa determinada reflexividade. A Universidade ousa pensar-se, incluindo, naturalmente, nesta reflexão o próprio mundo envolvente. Testemunham desta tendência a série de publicações *Apontamentos UM* e o ciclo de seminários dedicado à vida académica na sua acepção mais abrangente¹. Já em finais de 2001, a Associação Académica da Universidade do Minho dá à estampa o livro *As Tradições Académicas de Braga*, coordenado por Henrique Barreto Nunes, Maria Helena R. Laranjeiro da Cunha e Nuno Pinto Bastos. Trata-se de um estudo apurado e rigoroso da história remota e recente dos festejos do 1.º de Dezembro, do Enterro da Gata e do Traje da Academia (o Tricórnio). Dividida em três partes, a obra, criteriosamente ilustrada com imagens e documentos, propõe-nos uma plêiade de testemunhos, sendo o conjunto devidamente enquadrado por textos de análise.

Com estas iniciativas, a Universidade mais não faz do que assumir a sua missão de promoção da cultura e de participação na construção das identidades locais. Neste contexto, a obra dedicada às tradições académicas de Braga afigura-se-me, a vários títulos, exemplar. Contempla um processo de interacção entre a Universidade e o meio. Os actores e os públicos extravasam largamente as fronteiras, tanto no tempo como no espaço, dos *campi* universitários de Gualtar e Azurém. Abrangem toda a Academia de Braga, a própria cidade e a sua região². Por seu turno, a Universidade inspira-se nestas tradições preexistentes para firmar uma identidade e uma imagem específicas, factores privilegiados de mobilização e de demarcação no seio da academia nacional. Como retorno, observa-se uma revalorização e uma reanimação do património histórico e cultural bracarense. Sucede-se, assim, um jogo de espelhos num intercâmbio de experiências e de sentidos.

A leitura de *As Tradições Académicas de Braga*, editado pela A.A.U.M., e de *As Lições dos Aprendizizes*, de Rita Ribeiro, tentou-me a retomar, de forma avulsa e sucinta, um exercício, em tempos esboçado, de detecção da presença de traços de uma visão específica do mundo, o *realismo grotesco*, nos principais rituais promovidos pelos estudantes da Universidade: a Recepção ao Caloiro, o Primeiro de Dezembro e o Enterro da Gata.

Segundo Mikhaïl Bakhtin (1978; 1987), é possível resumir algumas das componentes mais marcantes do realismo grotesco:

- Trata-se de uma visão do mundo que existe, sob graus e formas diversas, em praticamente todas as sociedades. Alcança a sua expressão mais completa e consequente nas manifestações de carácter carnavalesco;
- Desenvolve-se, sobretudo, durante intervalos ou interregnos que subvertem a ordem social normal mediante a *suspensão do tempo e a entrada “no reino utópico da universalidade, liberdade, igualdade e abundância”* (Bakhtin, 1987: 8). O espaço e o tempo do realismo grotesco relevam da esfera do passageiro e do extraordinário;
- Os protagonistas tendem a ser *sujeitos colectivos hiperbólicos e exorbitantes*, que se configuram como autênticas alegorias do mundo, da vida e da morte. Agigantados, hipertrofiados, excedem-se, num contágio sem cerimónia, a todos os níveis, por todos canais e em todos os sentidos;



Corpos em trânsito e em metamorfose. Pormenor do *Jardim das Delícias*, de Hieronymus Bosch.

No universo grotesco, *tudo e todos estão em perpétuo movimento e inacabada metamorfose*, longe de qualquer equilíbrio, eternidade ou perfeição: “triumfo de uma espécie de libertação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus (...), [o carnaval] era a autêntica festa do tempo, do futuro, das alternâncias e renovações. Opunha-se a toda perpetuação, a todo aperfeiçoamento e regulamentação, apontava para o futuro ainda incompleto” (Bakhtin, 1987, 8-9);

Tudo se transforma, tudo comunica. As fronteiras e os limites esbatem-se. Os extremos aproximam-se, baralham-se e interpenetram-se. As oposições, mormente as mais enraizadas no imaginário oficial, perdem força e sentido. A vida e a morte, o sagrado e o profano, os céus e os infernos, o alto e o baixo, o princípio e o fim, o interior e o exterior, o belo e o feio, os mundos físico, vegetal, animal, humano e divino, tudo se enlaça e mistura num abraço aglutinante. Qualquer elemento à parte, alienado ou abstracto, carece imersão no caldo da turbulência grotesca. Um pormenor das *Tentações de Santo Antão*, de Hieronymus Bosch, ilustra claramente esta erosão dos limites num fluxo de comunicabilidade geral. Uma velha montada num rato que avança num líquido segura nos braços uma criança recém-nascida. Mas a velha também é árvore, os seus braços são ramos e ostenta uma cauda de animal. Para além dos limites do razoável, esta imagem compacta os estados e as fases essenciais do mundo e da vida: o nascimento e a morte, o vegetal, o animal e o humano;

Em sintonia com este sentimento e esta figuração do mundo, os rituais relacionados com o realismo grotesco tendem a ocorrer em *situações e em períodos de transição, precedendo ou sucedendo, muitas vezes, a momentos particularmente densos (e tensos) do calendário social* (Balandier, 1980). Esta *liminaridade* mantém-se omnipresente nos actos, nas sensações e nas mundividências patentes nestes rituais. *Neste limbo de indefinição tudo é possível, em particular recompor e contrabandear realidades.* Constituem, assim, procedimentos correntes a aproximação de entidades distantes (por exemplo, humanos com cabeças de animais) ou a deslocação de objectos de um mundo para outro, proporcionando, deste modo, combinações ou cotejos insólitos (por exemplo, a bacia de barbeiro promovida a elmo do cavaleiro D. Quixote; a queima numa paródia de cerimónia religiosa de atacadores de calçado em vez de incenso; ou ainda, na actualidade, o desvio do uso dos preservativos, colocando-os, por vezes, nos sítios menos indicados);



A comunicação dos mundos e a sobreposição dos extremos.
Pormenor de *A Tentação de Santo Antão*, de Hieronymus Bosch.



A exuberância da sexualidade no movimento dos corpos.
Pormenor de *A Dança da Noiva ao Ar Livre*, de Pieter Bruegel, O Velho.

Na topografia do mundo grotesco prevalece “o princípio da vida material e corporal: imagens do corpo, da bebida, da comida, da satisfação de necessidades naturais, e da vida sexual. São imagens exageradas e hipertrofiadas. (...) O princípio material e corporal (...) opõe-se a toda separação das raízes materiais e corporais do mundo, a todo isolamento e confinamento em si mesmo, a todo carácter ideal abstracto. (...) O centro capital de todas essas imagens da vida corporal e material são a fertilidade, o crescimento e a superabundância. (...) A abundância e a universalidade determinam por sua vez o carácter alegre e festivo (não quotidiano) das imagens referentes à vida material e corporal. O princípio material e corporal é o princípio da festa, do banquete, da alegria, da ‘festa’” (Bakhtin, 1987: 16-17). O *baixo material e corporal* predomina como centro de gravidade e atracção do mundo. O seu efeito é fecundo e positivo;

O movimento mais típico do realismo grotesco é o *rebaixamento*: “a transferência ao plano material e corporal, o da terra e do corpo na sua indissolúvel unidade, de tudo o que é elevado, espiritual, ideal e abstracto” (Bakhtin, 1987: 17). Os procedimentos, os gestos, as formas de linguagem e as imagens do realismo grotesco tendem a mergulhar tudo o que é poder, civil ou eclesiástico, desta e de outras esferas, nas entranhas da terra e do corpo;

Este movimento de rebaixamento é ambivalente. “Rebaixar consiste em aproximar da terra, entrar em comunhão com a terra concebida como um princípio de absorção e, *ao mesmo tempo*, de nascimento; quando se degrada, amortalha-se e semeia-se simultaneamente, mata-se e dá-se vida em seguida, mais e melhor. Degradar significa entrar em comunhão com a vida da parte inferior do corpo, a do ventre e dos órgãos genitais, e portanto com actos como o coito, a concepção, a gravidez, o parto, a absorção de alimentos e a satisfação das necessidades naturais. A degradação cava o túmulo corporal para dar lugar a um *novo* nascimento. E por isso não tem somente um valor destrutivo, negativo, mas também positivo, regenerador: é *ambivalente*, ao mesmo tempo negação e afirmação. Precipita-se não apenas para o baixo, para o nada, a destruição absoluta, mas também para o baixo produtivo, no qual se realizam a concepção e o renascimento, e onde tudo cresce profusamente. O realismo grotesco não conhece outro baixo; o baixo é a terra que dá vida, e o seio corporal; o baixo é sempre o *começo*” (Bakhtin, 1987: 19). As entranhas e as profundezas não funcionam aqui como um “buraco negro”. São antes “ecológicas”: absorvem, reciclam e devolvem em melhor estado. Se associarmos, como habitualmente se faz, as partes

baixas à impureza, então confrontamo-nos com uma versão das leis de Morgan aplicada à semiose social segundo a qual: impuro + impuro = puro;

- Ao contrário da imagem clássica do corpo humano como um ser isolado, polido, aprumado e perfeito, o corpo grotesco não se destriça do mundo natural e social circundante. Na sua irredutível disformidade e crónica metamorfose, o corpo está em permanente comunicação com o mundo, num movimento que o impele a ultrapassar-se a si mesmo e a comungar com os outros. Coloca-se, assim, ênfase “nas partes do corpo em que ele se abre ao mundo exterior, isto é, onde o mundo penetra nele ou dele sai ou ele mesmo sai para o mundo, através de orifícios, protuberâncias, ramificações e excrescências, tais como a boca aberta, os órgãos genitais, seios, falo, barriga e nariz. É em actos tais como o coito, a gravidez, o parto, a agonia, o comer, o beber, e a satisfação das necessidades naturais, que o corpo revela a sua essência como princípio em crescimento que ultrapassa seus próprios limites” (Bakhtin, 1987: 23)³. Misturado ao mundo, confundido com os animais e as coisas, é um corpo cósmico. “O corpo do homem torna-se aqui o instrumento de medida do mundo, instrumento concreto que concede o seu peso e o seu valor reais ao homem” (Bakhtine, 1978: 316).
- Se o corpo constitui o âmago, e o rebaixamento o movimento, então o modo, ou a arte, por excelência do realismo grotesco é o riso. Um riso universal, galhardo, aberto e contagioso a que ninguém nem nada escapa. Irreverente, encerra uma visão do mundo. Tudo é risível, nada existe que não tenha a sua parte de ridículo. O riso torna tudo relativo, arbitrário, transitório, efémero, em suma, vulnerável. Nada permanece absoluto, puro ou intocável. O riso funciona, assim, como um correctivo potente de qualquer gravidade pretensiosa, um tûmulo do poder: “o baixo absoluto ri sem cessar, é a morte risonha que engendra a vida” (Bakhtin, 1987: 22). Reencontramos a questão da ambivalência. À semelhança do baixo material e corporal, o riso grotesco também é ambivalente: degrada e regenera, enxovalha e redime, enterra e fecunda num ambiente de alegria e partilha. “É a morte prenhe, a morte que dá à luz” (Bakhtin, 1987: 23). O riso não é de modo algum meramente sarcástico ou negativo. O humor não aniquila, resgata. Comporta uma componente afirmativa. Não é chuva ácida mas torrente fertilizante. Neste quadro, o rebaixamento assume-se como a modalidade maior da comicidade grotesca. O que é sério, perfeito, sagrado e sobranceiro é remetido para as partes baixas e para os actos mais primários do ser humano (“os infernos corporais”);

- No livro *A Construção da Personagem*, Constantin Stanislavski (1986) expõe a história, alegórica, de um actor que se deixa seduzir por certas peças do guarda-roupa. À medida que as vai ensaiando e incorporando, elas como que o transfiguram, apoderando-se da sua linguagem, dos seus gestos, das suas atitudes e das suas emoções, até que, a dada altura, o actor se surpreende na pele da personagem que melhor assentava àqueles adereços: um crítico ignóbil. O uso das máscaras, e do fantástico, nas manifestações colectivas típicas do realismo grotesco não liberta apenas porque oculta a identidade real do indivíduo. A máscara produz outros efeitos. Pode apossar-se do portador levando-o a investir numa personagem e a adoptar uma identidade virtual. O disfarce carnavalesco opera-se tanto por detrás da máscara como com a máscara. Nestas condições, a encenação pode ser vivida e sentida como real. Trata-se, nesta acepção, de uma dramatização profundamente polífona e complexa. Como conclui M. Bakhtin, “durante o carnaval é a própria vida que representa, e por um certo tempo o jogo se transforma em vida real,(...) na segunda vida do povo” (1987: 7-8).

Terminada esta sinopse do realismo grotesco, cumpre-nos, agora, perguntar: será que esta visão específica do mundo está presente nas tradições académicas de Braga? Será que, a esta luz, se revela possível esclarecer algumas das suas componentes?

Um esboço de resposta, breve e parcial, será aqui tentado, mas assumidamente a título de mero exercício. Um reparo prévio. Argumentar que as tradições académicas de Braga têm afinidades com outras festividades congéneres não lhes retira, de modo algum, originalidade. É certo, por exemplo, que a configuração e os conteúdos do Enterro da Gata se manifestam similares aos de rituais como o Enterro do Velho, a Serração da Velha ou a Queima do Judas, em vertentes como a figura do testamento e a centralidade ambivalente da morte esperançosa. Diferem, contudo, os contextos, os actores e os enredos. No que me diz respeito, desconheço a existência de outro enterro da gata (do “chumbo”), por sinal na água, associado às angústias e aos exorcismos dos estudantes em vésperas de exame. O 1.º de Dezembro tão pouco se celebra no estrangeiro, e muito menos na vizinha Espanha.

Na generalidade das tradições académicas aqui consideradas, o sujeito é colectivo: os “doutores”, os caloiros, os cursos, a universidade, a academia. Não é este ou aquele estudante em particular que está em causa, mas a comunidade a que pertence. O que prevalece, como o reconhece Luís Novais, é a “exacerbação do colectivo” (Nunes *et al*, 2001: 107). O que está em palco é uma corporação exuberante que pavoneia os seus atributos e emblemas (traje, insígnias, cânticos).

Este corpo colectivo agiganta-se. Exorbita. Usurpa ostensivamente os espaços públicos, com concentrações, paradas e desfiles, mas também graças à ubiquidade caótica das errâncias turbulentas. Não é por acaso que os desfiles académicos atravessam, sinuosamente e de lés a lés, a cidade. Atente-se, por exemplo, nos percursos do actual Enterro da Gata e do antigo 1.º de Dezembro, bem como na predilecção pelos locais mais simbólicos e prestigiados do centro urbano para cenário dos encontros e das cerimónias: o Largo do Paço, a Sé, a Praça do Município, o Teatro-Circo... Casos há, aliás, em que esta conquista e ocupação geram a ilusão da tomada de poder. Durante a recepção ao caloiro, corre, por vezes, peregrina a sensação de que a Universidade está entregue aos “doutores” e aos seus desmandos, sob a égide do Papa e do Cabido dos Cardeais.

A Latada constitui, porventura, o momento mais expressivo desta postura invasiva. A intrusão da tribo, galvanizada e uniformizada a preceito, é de tal ordem que nenhum dos sentidos escapa ileso perante tamanho alarido de gestos e imagens. Assim se demarca um território destinado a um corpo sôfrego que, prestes a rebentar, não pára de crescer e de contagiar. Pelo menos, por um tempo...

Porque se trata efectivamente de um parênteses. Todos os intervenientes o sabem. Estamos perante um jogo, enquadrado num lapso de tempo extraordinário mas balizado, cuja abertura é entusiasticamente assinalada com sinos, bombos e outros anúncios da praxe. Suspensa a ordem social, inaugura-se um interregno de inversão e confusão, de excesso e desregramento, numa atmosfera de efervescência e extravagância. O lado grotesco e demoníaco da vida grassa a todos os níveis. Antes de mais, na linguagem adoptada, nos palavões e nas grosserias da praxe, nos coros do Enterro da Gata e nas

paródias incluídas nos números únicos do 1.º de Dezembro. Mas também na subversão e no baralhamento das séries e das oposições mais canónicas. Os vasos de noite e o papel higiénico são promovidos às mais imaginativas e impossíveis posições e funções. Descubrem-se as insuspeitas virtualidades decorativas e cerimoniais dos alhos e das cebolas. Confirma-se a magna autoridade da moca e da colher de pau⁴. Por último, não se pode descurar o papel proeminente que cabe aos *travestis*. Em todos estes casos, misturam-se os mundos e as fronteiras esbatem-se. Perdem âncora e sentido.

Em matéria de rebaixamento, as versões e os procedimentos abundam. Não vou insistir no grau e no modo como os caloiros são simbolicamente degradados e conspurcados no decurso da praxe⁵. Sublinho, em contrapartida, que o Enterro da Gata representa uma paródia de um funeral, rito e acontecimento crucial na vida dos homens e na actividade religiosa. Configura, portanto, uma réplica mordaz e hilariante de um dos momentos mais trágicos e mais celebrados da experiência humana. Por outro lado, ao encenar uma morte prenhe e risonha, o Enterro da Gata remete claramente para o imaginário grotesco. A felina, alegórica, é mergulhada no rio, não para ser definitivamente erradicada, mas para renascer regenerada. Infelizmente, mais rápido do que desejável e, por acréscimo, ainda mais vadia e mais sedutora. Adquire, neste contexto, um significado suplementar a deliberação da Associação Académica de, em 1989, não sepultar a “gata” no Rio Este, mas no Rio Lima. Recorda Luís Novais: “a gata foi enterrada no primeiro ano não no parque da ponte, junto ao Rio Este, como era costume, mas sim no Rio Lima, em Viana. E houve um simbolismo por trás disso. A primeira gata foi a gata ecológica e nós procurávamos sempre (...) que todos os anos a gata tivesse determinado tema, que fosse um tema de intervenção social... e o primeiro tema foi precisamente o da ecologia” (*in* Nunes *et al*, 2001: 103). Temiam, porventura, os avisados organizadores que o Rio Este já não fosse um túmulo fecundo mas um esgoto poluído e estéril de onde a “simpática gata” só a muito custo e com alguma improbabilidade lograria renascer, mormente regenerada.

A *parodia sacra* volta a insinuar-se na cerimónia do Baptismo do Caloiro. Os chafarizes do Largo do Paço e da Arcada são os lugares predilectos para, seguindo ritos diversos, os padrinhos regarem os seus afilhados. Mais um passo na integração na “comunidade” e uma etapa na odisseia do “menos que animal” rumo a “prezado colega”.

O Enterro da Gata e o Baptismo do Caloiro convocam a morte e o (re)nascimento, ambos estreitamente associados. Rita Ribeiro (2001) demonstra como esta dialéctica da morte e do (re)nascimento atravessa genericamente os rituais da praxe. Reencontramos, assim, um dos traços mais característicos do realismo grotesco, ou seja, a aposta nos extremos que se tocam (o princípio e o fim, o nascimento e a morte): “Contrariamente às exigências dos cânones modernos, o corpo [que, repita-se, é cósmico] é sempre de uma idade tão próxima quanto possível do nascimento ou da morte: a primeira infância e a velhice, com ênfase posta na sua proximidade do ventre ou do túmulo, o seio que lhe deu a vida ou que o sepultou. Mas seguindo essa tendência (por assim dizer no limite), os dois corpos se reúnem em um só. A individualidade é mostrada no estágio de fusão; agonizante já, mas ainda incompleta; é um corpo simultaneamente no umbral do sepulcro e do berço, não é mais um único corpo nem são tampouco dois; dois pulsos batem dentro dele” (Bakhtin, 1987: 23).



A pujança da Academia na arena.

Nenhuma tradição académica de Braga prescinde do banquete. Omnipresente na Recepção ao Caloiro e no Enterro da Gata, este constitui o momento capital do 1.º de Dezembro. Muito confraternizam os estudantes por estas ocasiões. Muito comem, e mais ainda bebem. Por estes dias e noites, os vapores do álcool tornam-se tão visíveis quanto a “latada” é audível. Durante o banquete, o corpo, aberto, encontra-se em transacção permanente. A comunidade une-se, solidariza-se, consolida-se. Faz-se corpo em torno de uma mesa farta, de um valente pica-no-chão e de um espesso vinho verde. Excessivo e dionísio, este corpo comunica e comunga num envolvimento colectivo e numa efusão cósmica.

A ceia representa o clímax das comemorações do 1.º de Dezembro. Para ela convergem os preparativos e as expectativas dos “conjurados”. Queria a tradição que a refeição fosse arroz pica-no-chão. Queria ainda que a vítima fosse surripiada, dias antes, de um incauto galinheiro das redondezas. As peripécias da proeza e o manjar do troféu permanecem ainda na memória dos “pilha-galinhas” do Liceu Sá de Miranda. Trata-se de um acto de cariz iniciático e de uma transgressão ritual que conferem uma aura de heroicidade aos insurrectos, tanto mais sublime quanto o incontornável guarda nocturno ajudou à provação acabando fatalmente por ser ludibriado. Salvaguardadas as proporções, estas investidas em terreno alheio fazem lembrar o episódio rabelaisiano em que o gigante Pantagruel, enfadado com os teólogos da Sorbonne, rouba os sinos da Catedral de Notre-Dame de Paris. Em suma, os conquistadores da capoeira assumem, sentados a uma tábula, eventualmente redonda, a continuidade dos heróis da Pátria.

E o riso? Solto, galhardo e crítico, ele é o ingrediente indispensável de todas as horas. Sem este lubrificante, o ritual gripa. A irreverência contagiosa do humor grotesco constitui a fórmula mágica de toda esta alquimia. Esta potência correctiva e este gozo regenerador impressionam, aquando do Enterro da Gata de 1924, o repórter do “Diário do Minho”: “Foi ontem sepultada a bichana, com funeral de primeira classe e acompanhamento selecto de doridos e amigos da felina. / E foliaram os acompanhantes do feretro; e riram-se de tudo; da figura que a gata fazia no cortejo, e da política e dos homens fora do trilho; dos governantes e dos governados; dos pelintras e dos novos ricos, dos tapados e dos ajouçados de intelecto!... / Foi uma pandega rasgada.” (*in Nunes et al*, 2001: 56). Será possível desencantar riso mais universal do que este?

As tradições académicas de Braga inscrevem-se em determinados momentos do ciclo anual da vida do estudante. Ora no início, ora no termo de um período marcante, ora em fases de transição. A Recepção ao Caloiro coincide com o princípio do ano lectivo e o Enterro da Gata com as vésperas dos exames de Verão. Estes dois rituais foram largamente adoptados pelos estudantes da Universidade do Minho. O mesmo já não sucede com os festejos do 1.º de Dezembro. Azares do calendário? Ónus ideológico? “Acho que nunca chegámos a conseguir que o Primeiro de Dezembro fosse muito implantado no seio da academia” – admite Luís Novais. “Julgo que a marca Primeiro de Dezembro não se encontra assim verdadeiramente na Universidade do Minho. Também tem por trás talvez uma carga ideológica que estará ultrapassada, não sei se não será um certo teor nacionalista que estará ultrapassado (...) Também é preciso ver que (...) enquanto que o “Enterro da Gata” assenta que nem uma luva no calendário universitário, o Primeiro de Dezembro não, o Primeiro de Dezembro é seródio em relação à recepção aos caloiros” (Nunes *et al*, 2001: 106-107). O que me foi dado observar confirma esta leitura. A adesão ao Primeiro de Dezembro é maior por parte dos antigos alunos do Liceu Sá de Miranda do que por parte dos actuais estudantes da Universidade do Minho. É plausível que a evolução do calendário escolar venha a criar condições favoráveis à restauração desta tradição: a época especial de exames de Novembro tem adquirido uma importância crescente; em Janeiro começam os exames do 1.º semestre. Entalado entre estas épocas de ansiedade, frustração e retraimento individualista, talvez o 1.º de Dezembro regresse às glórias do passado enquanto “válvula de escape” para reparação, catarse e excitação dos fregueses da “felina”. Por agora, e para que conste, na ditosa Universidade do Minho, verifica-se o desperdício de uma ocasião de folguedo, uma espécie rara de folia enjeitada... Com esta nota, dou por terminado este exercício que, mais do que um exercício, resultou num ligeiro e grato divertimento.

Referências bibliográficas

- Balandier, Georges (1980), *Le pouvoir sur scènes*, Paris, Balland.
- Bakhtin, Mikhaïl (1987), *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais*, S. Paulo, Editora HUCITEC.
- Bakhtin, Mikhaïl (1978), *Esthétique et Théorie du roman*, Paris, Gallimard.
- Caires, Susana (2001), *Vivências e Percepções do Estágio no Ensino Superior*, Universidade do Minho, Grupo de Missão para a Qualidade do Ensino/Aprendizagem.
- Gonçalves, Albertino (1997), "Dionísio na Universidade: a praxe como rito de passagem", *UM boletim*, n.º 45, 7 Abr. 1997, pp. 1-2.
- Gonçalves, Albertino (2001), *As Asas do Diploma: A inserção profissional dos licenciados pela Universidade do Minho*, Universidade do Minho, Grupo de Missão para a Qualidade do Ensino/Aprendizagem.
- Gonçalves, Albertino; Almeida, Leandro S.; Vasconcelos, Rosa & Caires, Susana (eds.) (2001), *Da Universidade para o Mundo do Trabalho: Desafios para um Diálogo*, Universidade do Minho, Conselho Académico.
- Nunes, Henrique Barreto; Cunha, Maria Helena R. Laranjeiro da & Bastos, Nuno Pinto (coords.) (2001), *Tradições Académicas de Braga*, Braga, Associação Académica da Universidade do Minho.
- Ribeiro, Rita (2001), *As Lições dos Aprendizizes: As praxes académicas na Universidade do Minho*, Universidade do Minho, Grupo de Missão para a Qualidade do Ensino/Aprendizagem.
- Santos, Luísa (2001), *Adaptação Académica e Rendimento Escolar: Estudo com alunos universitários do 1.º ano*, Universidade do Minho, Grupo de Missão para a Qualidade do Ensino/Aprendizagem.
- Soares, Ana Paula; Osório, António; Capela, José Viriato; Almeida, Leandro S.; Vasconcelos, Rosa Maria & Caires, Susana M. (eds.) (2000), *Transição para o ensino superior*, Universidade do Minho, Conselho Académico.
- Stanislavski, Constantin (1986), *A construção da personagem*, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira.

Notas

¹ Criada em 2001 pelo Grupo de Missão para a Qualidade do Ensino/Aprendizagem, a série *Apontamentos UM* publicou, nesse mesmo ano, quatro livros: Gonçalves, Albertino, *As Asas do Diploma: A inserção profissional dos licenciados pela Universidade do Minho*; Santos, Luísa, *Adaptação Académica e Rendimento Escolar: Estudo com alunos universitários do 1.º ano*; Ribeiro, Rita, *As Lições dos Aprendizizes: As praxes académicas na Universidade do Minho*; e Caires, Susana, *Vivências e Percepções do Estágio no Ensino Superior*. Por outro lado, o Conselho Académico tem vindo a promover um ciclo de seminários centrado no estudo dos percursos dos estudantes, antes, durante e após a frequência da Universidade. O primeiro, realizado em 2000, debruçou-se sobre a "transição para o ensino superior"; o seguinte, em 2001, subordinou-se ao tema da transição, desta vez, "da universidade para o mundo do trabalho"; o terceiro completará, no presente ano, o ciclo ocupando-se das vivências dos estudantes durante a sua passagem pela Universidade. Estão publicadas as actas dos dois primeiros: Soares *et al* (eds.), 2000; Gonçalves *et al* (eds.), 2001.

² Embora apropriados pelos estudantes universitários, estes festejos e rituais têm origens seculares: o "1.º de Dezembro", promovido inicialmente pelo Colégio de S. Paulo, remonta ao séc. XVII e é retomado em 1868 pelo Liceu Nacional de Braga. Por sua vez, o Enterro da Gata, iniciado em 1889, era ainda celebrado nos anos sessenta, especialmente no Liceu Sá de Miranda. A estilização do Tricórnio baseia-se em imagens de azulejos e em descrições da época do traje dos estudantes bracarenses do século XVIII.

³ Este tipo de corpo povoa os quadros de pintores tais como Hyeronimus Bosch, Pieter Bruegel ou Albrecht Dürer.

⁴ Em 14.06.1910, o "Comércio do Minho" descreve do seguinte modo o Enterro da Gata desse ano: "À frente tres zabumbas; dous batedores cavalgando gericos; varios estudantes empunhando grossas mocas e outros grandes palmatorias e colheres de pau; sobre um poste, uma estrela, tendo na frente um ponto de interrogação e no verso a palavra Exame; sobre um carro, um grande vaso de noite, dentro do qual ia um estudante com as colicas do exame; n'uma carreta, um pequeno esquife contendo uma gata morta, rodeando-a estudantes com alviões e enchada; grupo de carpideiras; um carro conduzindo a mobilia da gata; grupo entoando canticos funebres; representantes de todos os cursos conduzindo corõas enfuadas em paus; deputações com bandeiras de papel; charanga de gaitas de barro e outros instrumentos excentricos; guarda de honra de estudantes com mocas; etc." (*in* Nunes *et al*, 2001: 55).

⁵ Ver, a este propósito, Ribeiro (2001) e Gonçalves (1997).